

# Aspectos da Semiologia Barthesiana\*

ADRIANO SILVA\*\*

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma visão geral dos elementos de Semiologia propostos por Roland Barthes. Mais detidamente, o mito é definido e depois exemplificado a partir de recortes da realidade brasileira atual, principalmente aqueles que dizem respeito a alguns aspectos da esquerda brasileira.

**DESCRITORES:** Semiologia Barthesiana  
Semiologia: Mitologia  
Semiologia: Esquerda brasileira  
Barthesian Semiology  
Semiology: Mithology  
Semiology: Brazilian left

**ABSTRACT:** This paper attempts showing an overview of the elements of Semiology proposed by Roland Barthes. Fully, the myth is defined and, after, exemplified by means of present Brazilian reality pieces, mainly those concerned to some aspects of the Brazilian left.

## 1 INTRODUÇÃO

O texto que segue não tem pretensões teóricas e nem mesmo acadêmicas — no sentido mais rígido da palavra. O que se procurou foi produzir um material que, ao mesmo tempo, sintetizasse de maneira razoável as principais propostas semiológicas de Roland BARTHES e trouxesse a elas exemplos da realidade brasileira que vivemos (?) hoje. Num primeiro momento estão as noções essenciais do modelo semiológico de BARTHES trabalhadas em seu livro *Elementos de Semiologia*,<sup>(1)</sup> e depois está a parte mais original deste trabalho, onde lidaremos com a noção de mito.

---

\* Trabalho apresentado por ocasião do painel Questões Semióticas, atividades periodicamente promovidas pela Associação de Semiologia Região Sul (ABS), em Porto Alegre, no dia 7 de julho de 1989.

\*\* Aluno do Curso de Comunicação Social da FABICO/UFRGS.

Um esclarecimento prévio se faz necessário: alguma crítica à esquerda que, por ventura, conste no desenrolar deste trabalho, vem fundamentalmente dos exemplos recortados da realidade contemporânea. E essas críticas se propõem a contribuir, mesmo que de maneira mínima, para uma reflexão da atual situação da esquerda brasileira — ou de uma boa parte dela. São críticas de natureza unicamente construtiva.

## 2 ELEMENTOS BÁSICOS

Em sua obra *Elementos de Semiologia*, BARTHES<sup>(1)</sup> trabalha bastante à luz do que escreveu Ferdinand Saussure. Este é ora adaptado, ora repensado, mas nunca deixado de lado. Talvez porque BARTHES<sup>(1)</sup> queira deixar nítidas as suas propostas sobre Semiologia a partir do contraste destas com o modelo lingüístico de Saussure. Há, logo de início, uma grande controvérsia epistemológica. Saussure ensina que a Semiologia é uma ciência mais abrangente que a Lingüística, uma vez que aquela estuda todos os signos existentes e esta apenas uma secção destes: os signos lingüísticos. BARTHES<sup>(1)</sup> ao contrário de Saussure, postula que a Lingüística é que transcende a Semiologia, pois o semiólogo utiliza-se inevitavelmente da linguagem verbal, mesmo estudando signos de substâncias não-lingüísticas como objetos, comportamentos e imagens. Inclusive há sistemas, ilustra BARTHES, que necessitam de, além dos seus próprios signos, signos verbais para que o processo de comunicação se efetive. Isso acontece com imagens fotográficas que venham a precisar de legendas para serem totalmente entendidas.

Passando desta divergência teórica, caímos na primeira dicotomia de BARTHES (ele continua usando o contraste como meio de nitidizar sua proposta, apresentando-a em dicotomias), os conceitos de Língua e Fala. A Língua é o “ . . . conjunto sistemático das convenções necessárias à comunicação ” (1, p.11), isto é, um grande conjunto que engloba todos os signos e as regras de uso destes. É um sistema de valores (ela é constituída por elementos que valem por alguma coisa, têm significado — os signos) e uma instituição social (ela pertence a todos os falantes; um só indivíduo não pode criá-la nem modificá-la). A Língua é ainda indiferente à matéria dos signos que a compõe, e convencional, na medida em que todos os falantes aceitam o Significado de determinado signo. Acabamos de colocar o termo *falantes* para designar evidentemente os usuários da Língua. E a partir dele podemos perfeitamente introduzir o conceito de Fala: combinação particular dos signos existentes na Língua, feita pelo sujeito falante para exprimir seus pensamentos. Enquanto a Língua é o todo social, a fala é a parte individual da linguagem. Entre Língua e Fala, contudo, existem certas combinações que estão consagradas, cristalizadas, a ponto de dispensarem ao sujeito falante a tarefa de combiná-las. São, só para citar duas, as interjeições (*Meu Deus do Céu! Deixa de ser bobo!*) e os clichês da militância política de esquerda (*dar encaminhamento ao debate, companheiros minimamente capacitados*).

A Língua e a Fala, como vimos, perfazem uma dialética e podem ser melhor entendidas dentro dela. Ora, não podemos manejar a Fala se não partirmos da Língua e, por outro lado, é através da Fala que a Língua evolui. Evidentemente, os acréscimos que a Fala provoca à Língua — que resultam na evolução desta — só se efetivam quando a criação individual passa a ter caráter de instituição social através do referendado da massa falante. É o que acontece no Sistema de Significação (linguagem) Verbal através da gíria e o que aconteceu no Sistema de Significação da Alimentação com a torta Martha Rocha. A Língua é, portanto, "... simultaneamente o produto e o instrumento da Fala" (1, p. 13).

Para encerrarmos a dicotomia Língua/Fala, é necessário dizermos que há sistemas em que a evolução da Língua não se dá pela criação e subsequente aprovação coletiva dos sujeitos falantes, mas sim por um grupo de decisão restrito. Nestes sistemas de Significação, como o da Moda, da Decoração e da Indústria Automobilística, o signo tem fortalecido seu caráter arbitrário.

Muito temos usado o termo *signo*, o que cria a necessidade de entrarmos logo na segunda dicotomia da proposta de BARTHES. O signo é formado por dois componentes indissociáveis, através de um processo chamado *significação*. O primeiro é o Significante, que se situa no *plano de expressão*. É o intermediário entre a realidade e o segundo componente, o Significado. É a parte material, sensorial do signo. Seu complemento, o Significado, situa-se no "plano de conteúdo". É a imagem mental que fazemos do que o Significante representa. É a parte psíquica do signo. E é no Significado que o signo explicita mais ainda sua dimensão social, uma vez que a representação mental que fazemos da realidade remetida pelo Significante depende em grande parte dos nossos estereótipos, preconceitos, padrões, mitos, enfim, da cultura e da sociedade a qual pertencemos.

Outras duas características do signo, agora menos sociológicas e mais taxionômicas, são a motivação (signo é motivado quando há relação de analogia entre o seu Significante e o seu Significado. Um exemplo são as figuras estilizadas que indicam a divisão, pelo sexo, dos banheiros) e a imotivação (signo é imotivado quando não há qualquer relação lógica entre como se apresenta e o que significa. A palavra *cão* não remete por si só ao animal). Em tempo: o signo arbitrário, que vimos há pouco, é um signo imotivado e vice-versa.

Finalizando, um exemplo oportuno: o animal mamífero, herbívoro e ruminante é a realidade. A palavra *boi* é o significante. A imagem que fazemos do animal é o Significado.

A próxima dicotomia é a que trata da relação Sintagma/Sistema. Aqui, para uma compreensão mais clara e rápida, vamos traçar uma analogia com Língua e Fala. O Sistema (Paradigma) remete analogicamente à Língua. É uma associação que fazemos mentalmente, agrupando signos pela semelhança de Significado (sapato, sandália, bota, tênis) ou de som (ensinamento, armamento, unguento). O interessante é que signos do mesmo Paradigma (Sistema) não podem ser usados ao mesmo tempo na Fala e, se trocados, acarretam mudanças no sentido. Um exemplo: alguém não pode usar um tênis e uma bota ao mesmo tempo. E usar

um tênis (calçado esportivo) não significa o mesmo que usar uma bota (calçado rústico). Quando a substância for acústica, não se deve usar signos do mesmo Paradigma muito proximamente, exceto quando se quer obter estilisticamente a rima ("Não serão mais precisos unguentos quando o mundo esquecer seus armamentos") ou a aliteração ("O rato roeu a roupa do Rei de Roma"). Já o Sintagma corresponde à Fala, pois é uma combinação qualquer de signos que podem coexistir numa mesma construção por terem Significados — ou sons — diferentes. Um exemplo: posso combinar um tênis (do Sistema dos Calçados), uma camisa (do Sistema de roupas que vestem o tronco) e uma calça (do Sistema de roupas que vestem as pernas). Estarei assim vestido (Sintagma construído, Fala consumada) com um tênis, uma camisa e uma calça. Ainda poderíamos completar dizendo que enquanto no Sistema a relação entre os signos é de exclusão (ou), no Sintagma a relação é de acumulação (e).

Antes de terminarmos, é importante dizermos que agrupamos signos em Sistemas através da *Prova de Comutação*, que consiste em alterar o significante de um signo aleatoriamente e observar o que acontece com o Significado. Todos os Significantes que se revezarem sem alterarem substancialmente o Significado (são raros os Significantes cujos Significados sejam exatamente iguais), podem, juntamente com estes Significados, serem agrupados no mesmo Sistema.

A última dicotomia da proposta semiológica de BARTHES é o conceito Denotação/Conotação. Denotação é o processo pelo qual o Significado de um signo é outro signo. Consideremos o Sistema de Significação Verbal, o signo sendo a palavra, a Denotação nada mais é do que esta palavra sendo explicada por outra palavra. E daí a Denotação ser também chamada de *Metalinguagem*. Um exemplo: sendo a palavra *comunicação* o Significante e o conceito primeiro que nos aflora a mente quando a percebemos, o Significado; temos aí o primeiro signo. Este signo funciona como significado para um segundo signo, cujo Significante é qualquer outra palavra dita sobre *comunicação*, no sentido de explicá-la, defini-la, etc. A Conotação é o processo inverso, onde o Significante de um signo é outro signo. Um exemplo: sendo o carro *Monza Classic* o Significante e a imagem mental dele o Significado do primeiro signo, essa primeira significação funciona como Significante do segundo signo, cujo Significado é grande poder aquisitivo, dinheiro, requinte, etc.

Com isso, encerramos os elementos básicos da Semiologia Barthesiana. Podemos notar que a dicotomia Língua/Fala não desmontou o signo mas, pelo contrário, trabalhou-o inteiro e enquanto parte de um conjunto, ora sob uma ótica social, ora sob uma ótica individual. Também trabalhou o signo como um todo indissociado — exceto na prova de comutação — a dicotomia Sintagma/Sistema que, aliás, foi a dicotomia que pareceu mais distante, ficando num espaço essencialmente teórico e taxionômico. Por sua vez, a dicotomia Significado/Significante esmiuçou a estrutura interna do signo, revelando a dimensão psicológica da relação deste com seus usuários. A dicotomia Denotação/Conotação também aborda o signo discernindo seus componentes, desvelando, nessa abordagem, a di-

menção psicológica, social e cultural do signo. Dimensões estas que aguçam-se quando a Conotação é alargada da particularidade do sujeito falante ao nível de uma sociedade, no mito.

### 3 MITO

Inicialmente é interessante esclarecermos a relação Conotação-mito. São ambos sistemas de comunicação que se estruturam sob a mesma forma: superposições de signos, onde o Significante de um é o outro. Os dois são, portanto, amplificações de um sistema primeiro. A diferença básica que lhes proporciona nomes diferentes é que o caráter social da conotação restringe-se ao momento em que o Significado segundo um signo é formado na mente, onde tudo a que este signo remete provém de fatores sociais, culturais e psicológicos. O caráter social do mito apresenta-se em outro nível, entendendo-se por caráter social, neste caso, a apropriação da Conotação — antes individual por definição — pela sociedade. Podemos dizer que quando um discurso conota alguma mensagem a nível social, esse discurso ganha um *uso social* e adquire características de mito. É interessante percebermos que mito é nada mais do que uma Conotação ampliada da particularidade da mente do sujeito falante à esfera social da massa falante. Esse é o caráter social do mito, como vimos. Mas igualmente vimos que a Conotação, por si só, também possui um caráter social. Ora, então podemos tranquilamente afirmar que, neste sentido, o mito é duplamente social (este *duplamente* vai não no sentido da ambigüidade ou bilateralidade, mas sim no sentido do acréscimo e do reforço).

BARTHES<sup>(2)</sup> ressalta que mito é uma mensagem, um sistema de comunicação, jamais uma idéia ou objeto. Diz ele também que os mitos têm características históricas e portanto evoluem na medida da evolução social. Fica-nos fácil a verificação desse postulado, uma vez que já sabemos quão ligado ao fator social está o mito. Arrematando, os mitos são *efêmeros* e *não-fixos* na medida em que os padrões e valores sociais também o são. Um outro aspecto interessante é que no Sistema de Significação Mítica podem haver grandes desproporções entre os Significados e os Significantes, e vice-versa. Um exemplo: assim como um livro inteiro pode ser Significante de apenas um conceito, um Significante como o ato falho é "... de uma magreza sem qualquer proporção com o sentido próprio que trai". (2, p.191).

BARTHES ocupa-se muito da característica de *poder ser* do mito. Vimos que mito é "... a amplificação (significado segundo) de um sistema primeiro" (2, p. 202) e que, portanto, enquanto Conotação, é *algo que vale por*, uma representação. O curioso é que qualquer linguagem pode funcionar como esse sistema primeiro. O mito surge a partir (e vale-se) de qualquer Sistema de Significação. Desde a linguagem verbal, que é mais amoldável e serve complacientemente ao mito, até linguagens pretensamente mais sóbrias como o Sistema de Significação Matemático, onde até mesmo a formalidade e exatidão que supostamente deixa-

riam a linguagem menos vulnerável ao processo mítico, transformam-se em mitos. Não é à toa, por exemplo, que a postura das Ciências Exatas frente às Humanas e Sociais é de desprezo. Nada mais é do que o mito de que a *formalidade* e a *exatidão* que elas atribuem à sua linguagem constituem o único meio correto de se chegar ao conhecimento. Outro exemplo dessa notável capacidade de existir que o mito possui pode ser encontrado em grossa porção da militância política jovem da esquerda brasileira, onde Sintagmas cristalizados como *encaminhar o debate* e *enfrentamento político*, somados a outros signos, compõe um dialeto e um padrão comportamental que caracterizam o mito do *Jovem Revolucionário*, para o qual, fora das características que o definem, não há consciência, não há pensamento revolucionário, não há oposição ao poder. São dois exemplos de linguagens que se consideram inexoráveis e que no entanto, como vimos, são por si só mitos.

BARTHES<sup>(2)</sup> ensina que mito não é uma idéia e sim uma mensagem — vimos. Mas isso não impede que o mito tenha uma carga ideológica muito forte. Explicando: o mito tem características bastante próximas da Ideologia (no sentido trabalhado por Marilena Chauf em *O que é Ideologia?*<sup>(3)</sup>). Ele, enquanto Significado segundo originado na nossa mente nem sempre inocente (até pelas cargas culturais, padrões e preconceitos que carrega) deforma a realidade. O mito representa o real de forma incompleta e tendenciosa, dando a essa representação — às vezes, até involuntariamente — o sentido que muito subjetivamente se deseja dar. Escreve BARTHES: “Passando da História à Natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, dá-lhes a simplicidade das essências, suprime toda a dialética, toda elevação para além do imediatamente visível, organiza um mundo sem contradições porque sem profundidade” (2, p. 210). E esse mundo simples e belo é, inclusive, um dos mitos largamente difundidos pela classe dominante, o que, além de dissimular a realidade sofrida da grande maioria dos brasileiros, provoca, nesta, a sensação de que o mundo é belo e que, portanto, as lutas são desnecessárias. Tudo isso é extremamente interessante para a minoria dominante eternizar sua hegemonia. Basta administrar a realimentação ou a emissão dos mitos que lhe convém manter ou disseminar. E esse processo fica extremamente fácil quando se tem nas mãos uma população ignorante e desorganizada e o monopólio da comunicação de massa. Caricaturando: as mensagens saem rápida e diretamente da planilha dos poderosos para o inconsciente da massa. E assim mito e Ideologia estão próximos. “... mito é um sistema ideológico puro” (2, p.197), diz BARTHES. Tanto é assim que se os mitos que hoje temos (a Família, o Casamento, o Sucesso, a Virgindade — só para citar alguns) são por excelência valores da direita (Exército, grande parte da Igreja e burguesia), isso se deve a hegemonia intocada da ideologia burguesa. Escreve BARTHES: “... não há, na sociedade burguesa, um mito ‘de esquerda’ sobre o casamento, ... a justiça, a moral, etc.” (2, p. 214). E talvez seja esse um dos pecados mortais da esquerda brasileira que conhecemos: ela combate a colossal hegemonia burguesa discutindo teorias transcendentais em gabinetes fechados, utilizando seu dialeto cinza e

elitista, sempre entre os mesmos companheiros. Entrementes, a direita continua manipulando as consciências desavergonhadamente, produzindo inclusive “mais um campeão de audiência” entre a massa: o mito da *Ameaça Comunista*.

A esquerda brasileira tem alguns mitos, é claro. Mas além de poucos, estão muito longe de conseguirem dar um real combate à hegemonia ideológica burguesa. Uma situação que se deve certamente ao fato da esquerda não estar suficientemente aparelhada para chegar à massa com a necessária veemência. Um aparelhamento do qual a esquerda, por vezes, aparenta não sentir necessidade. Assim a esquerda brasileira tem *mitos pobres*, a ponto de ela própria incorporar faceiramente um mito que a direita competentemente criou, o já visto *Mito do Jovem Revolucionário*: mal vestido, sujo, com uma obscura bolsa de couro atravessada, dono de um discurso inintendível e maçante, trazendo um livro desaconselhável debaixo do braço. A competência da direita vem, aqui, do fato de que esse mito cria na massa, o medo e a estranheza suficientes para que esta mantenha-se sempre a uma prudente distância da esquerda. E a massa continua, desta forma, absorvendo os mitos tomando para si, como únicos e bons, os valores da burguesia. A esquerda, um dia renovada, vai ter que enfrentar, além dos mitos próprios da direita, aqueles que ela mesma ajudou a criar.

#### 4 EPÍLOGO

Tendo como verdade que o mito— e, como vimos, também a Ideologia — é uma representação deformada da realidade (às vezes idealizada, às vezes fruto inconsciente de fatores psicológicos, sociais e culturais que armazenamos) que tem uma incrível capacidade de existir (usa qualquer linguagem como sistema primeiro), talvez a única forma de não sucumbirmos à sua alienação seja buscarmos sempre o Significado segundo das coisas, transcendermos, enfim, a realidade direta que se nos apresenta.

AGRADECIMENTOS: O autor agradece profundamente o apoio e as valiosas sugestões declinadas pelas professoras Ione Bentz e Nilza Silva.

#### 5 BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Lisboa, Edições 70, 1984. 88p. (Coleção Signos n. 43).
- 2 BARTHES, Roland. *Mitologias*. Lisboa, Edições 70, 1988. 223p. (Coleção Signos n. 2).
- 3 CHAUI, Marilena de Souza. *O que é Ideologia?* São Paulo, Brasiliense, 1981, 125p.

